

DISCURSO NA AGL, 02/02/2023
ABERTURA DO ANO CULTURAL MIGUEL JORGE

Quando em criança, na cidade de Inumas, percebia que a cidade parecia uma ilha, / ou um mar/ feito de terra,/ pedras e tapetes mágicos/. E as pessoas que por ali passavam/ algumas delas,/ olhavam a vida através das frestas das portas,/ das janelas abertas,/ ou, simplesmente a deixavam passar, como se lá fosse um território interno de cada uma delas/ e deveria valer somente para elas./ Eu, menino, refletia sobre as descobertas de se viver a vida,/ e o espírito ainda “mágico” dos sonhos/ e da magia/ e das ideias transformadoras de se permanecer só em um tempo em que se falava de guerra/, de fome/ e de miséria./ Talvez, por isso preferia pensar nas possibilidades da vida em cima dos galhos de frondosa mangueira/, pois de lá, contemplava-se enormes espaços/, imensos horizontes/, como se num espírito de tempo/. As aves,/ os urubus/, os pássaros/, as sombras/. As nuvens que ora brancas, ora azuis/, tempo em quem se ficava diminuto perante tamanha beleza/, como se primeira viagem entre luminosas imagens/; a leveza de sonhos entre estreitos caminhos de estrelas/; e se podia adormecer com a dignidade de sentir-se humano diante de tamanho mistério criado por Deus!/ E nesses momentos estéticos de vacilações,/ finalmente nossos sonhos poderiam recomeçar de novo/ e com a significada certeza de que havia um caminho a se trilhar /e a se descobrir nas fronteiras do existir/. Sim! Havia um Deus que ordenava tudo aquilo e nos fazia cumprir tal destino/ e lutar para modifica-lo com a necessidade do jogo e com a vontade intensificada de ir além dos reflexos de criança/. Essa experiência do “eu só” foi marcante em minha vida!/ Então, diante das horas do almoço,/ quando as cigarras cantavam e o campo frio do inverno se refletia na mesa,/ pensava como voar,/ como chegar até lá, perto dos céus,/ tocar as nuvens,/ pegar as estrelas com as mãos,/ e cada mão crescia luminosa e os olhos se tornavam verdes./ Então dentro da boca e dentro dos ouvidos era tudo silêncio,/ pois pensava o impossível se comparado ao rigor do nosso universo/, ao peso do corpo e a maneira leve do vento/, dos pássaros, dos anjos e dos arcanjos/ e tudo aquilo dormia em segredos dentro de mim/. Mas, poderia brincar?!/ Sim! Com meus pensamentos. / Poderia acreditar?!/ Sim! Via-se muito próximo a luz azul a se misturar com as luzes brancas do sol,/ a escrita a se mover entre esperados caminhos e distanciado destinos./ Já era uma conquista!/ Mesmo que desconfiasse do estranhismo do meu intelecto de estudante do “Grupo Escolar 19 de Março”./ “Tudo me são razões e cautelas dentro da largura do mundo”./ Mas, minha mãe e as professoras,/ benditas professoras,/ achavam que meu modo de pensar,/ estudar,/ observar as coisas ao redor/ era de veras curioso/ e o menino trazia “olhar intenso de febre” ao lidar com as palavras,/ ao ler um poema,/ ao escrever uma carta/. Mas,/ então,/ nascia um tempo determinado de se criar e lidar com um novo mundo, o da poesia e o da ficção,/ com as contradições de harmonia/ e a vontade de vida intensificada através dos personagens;/ portanto,/ um meio do talvez,/ do acaso, quem sabe,/ para se abrir um acesso de vivência e transformações ligadas à literatura./ A mão que acolhe o pó,/ o mel e a colheita, nem que fosse de palavras/. O sal,/ as pedras,/ o reino próprio de onde pontificam personagens/ e estórias universais/ registradas particularmente nos diversos mundos,/ nas casas,/ apartamentos/ que se vestem de dores,/ amores,/ encontros,/

desencontros, e medos/. Nos cabarés, bordéis,/ nos mofos que encobrem paredes de “mercados marcados pelas larvas.”/ E tudo isso, hoje afirmo e tenho certeza, medido e passado, se deu com a formação entusiasmada do GEN,/ Grupo de Escritores Novos,/ que contou de início com o apoio de várias personalidades da nossa vida cultural: Belkiss Spenciére Carneiro de Mendonça,/ Ático Villas Boas da Mota,/ Jerônimo Geraldo de Queiróz,/ Colemar Natal e Silva,/ Nelly Alves de Almeida,/ Pe. Luiz Palacin/ Moema de Castro e Silva Olival, autora de dois livros sobre o Grupo de Escritores Novos. GEN: Um Sopro de Renovação, volume I e II. Nestes dois tomos vem à sua afirmação de que o GEN foi um divisor de águas na Literatura feita em Goiás. E foi a partir daí que eu,/ realmente,/ descobri a tarefa das mais elevadas;/ dos gritos de se versar e vencer a distância da mão registradora dos fatos e da trama que se delineava na cabeça. Momentos da mais elevada espiritualidade/ o ato de se criar outra vida sobre a própria vida./ A chama nos olhos que denotavam o poder de se ganhar aqueles espaços sonhados /com a ânsia da originalidade/ e com a convicção dura e simples de se criar algo de vida com a força da palavra,/ e o encantamento da imaginação/. Ah! O poder de um homem!/ Ah! o poder de um Deus! Ter o destino de personagens criados por nós em nossas mãos!/ Ser dono das tragédias cotidianas da vida!/ Os movimentos internos de ação/, tempo, fuga e tática/. O homem, agora escritor/, com a rebeldia de ser ao mesmo tempo anjo e demônio/.

Há que se entender o homem
 E sua preferida malícia
 Nas entrecurvas dos dias/
 Iluminando imagens/
 Meigas primazias/
 Exibindo-se num voo lunar/
 Em longo êxtase estrelar./
 A que se entender o lobo-homem e sua voz
 Instrumentada/ na paz dos botões atômicos/
 Dos corações supersônicos/ a textura de
 Aranha lunar/ com meigos olhos de radar/

A vida criava vidas! A vida, agora, era o existir-se no mundo das letras./ Era, enfim, o nascimento de novos fragmentos a refletir-se sobre a ligação de vários mundos./ Sofrimentos, amores, mortes, vacilações e a vontade de libertação das fórmulas antigas,/ criando novas premissas./ Falar das tragédias sem criar pânico!/ Este é o destino buscado de quem,/ com muito trabalho do cérebro e da criatividade,/ e sem fórmula alguma,/ escreve no tempo que,/ de certa maneira/ arde/. Trabalho árduo que, às vezes,/ dura madrugada a fora/ com a força de suportar as adversidades/, as indiferenças/, mas, ao menos,/ podemos dizer com Nietzsche da “*vontade e do poder, apesar de certas vacilações*”/ e a gente se sente mais leve/ e mais plausível no território interior/ por onde os personagens se movem/ e despertam-se em novas vidas/ e mostram-se familiares ao destino que lhes imputamos./

Aqui no centro desta massa cefálica
Há um alarma contra o tempo/
Contra a lábia deteriorada/
Contra os engodos e a solidão/
Contra a usura e a mesquinhez/
Contra mentiras e bravatas/
Contra gestos vagos e sem afagos/
Contra santos falsificados/ ladainhas violadas/
Contra a malícia sub-reptícia/
Contra a fúria assassina/
Que o coração arrasta/
E a realidade domina/

Então, começo a pensar, agora, que esta homenagem da AGL, que muito me honra, deveu-se tão e somente, aos meus cinquenta anos de vida literária/ e aos meus 37 livros editados, entre romances, contos, poemas, teatro, literatura infanto-juvenil e alguns ensaios. Meu primeiro livro, Antes do Túnel, contos, foi lançado no Bazar Oió, em 1957. Todo o meu universo daquela época contido nele/. Abria-se, assim, em significados alucinantes para o “Surrealismo” e suas variantes/, que tomavam os espaços de minha criação/. Minha noite de autógrafo mais recente/, As Noites que Não Deveriam Existir, contos, Editora Chafariz, Anápolis, 2020, com capa e ilustração de Dek, Orelhas de Enéas Athanázio, prefaciado pelo Professor Carlos Alberto Neiva/, no dia 10 de novembro de 2020/ no Shopping Bougainville /. Criava-se, assim,/ novas premissas para os estudos da supra- realidade e das ideias concebidas no limiar da psicologia/.

Meus agradecimentos, pois, à dinâmica figura do nosso presidente Ubirajara Galli/ e da Diretoria em sua totalidade/, e em especial à escritora Maria Helena Chein/, a mais recente e benéfica conquista da Academia Goiana de Letras/, que, com o peso de sua abalizada palavra /trilhou os meus caminhos literários com a propriedade e seriedade que lhe são peculiares/ Meu muito obrigado à confreira Lêda Selma de Alencar/, presidente da Comissão Organizadora de Eventos, pelos apanhados momentos de dedicação ao ano Cultural que leva o meu nome./ Os meus agradecimentos emocionados à minha família aqui presente, filhos, filha, noras, genro e netas/, aos familiares de Maria Helena Chein/, e aos caros amigos que são “as linhas privadas do nosso lirismo”/, a todos os acadêmicos/, às autoridades aqui presentes e representadas/, aos desembargadores Itaney Campos, Luiz Cláudio e aos servidores do TRE, pessoas de minha mais alta estima, às pessoas de expressão no mundo das artes, aos servidores da Casa Colemar Natal e Silva, sempre gentis e amigos.

Vivem-se certos momentos como vivem as palavras.
Às vezes fugazes, às vezes fortes, muitas vezes eternas.
Neste papel de dupla face, não há rapidez que se guarde,
Nem fuga que se planeje.
O tempo que sopra o vento/

O tempo que sopra o tempo/
Sossega a noite/ As estrelas iguais
Aos céus/ tomam-se de cores/
Então/ quase sempre/ são estes momentos
Chamados de a eterna ternura do amor/
Ou amar o amor na cidade dilacerada de
Amorosas guerras/ Com a malícia de
Uma luz interior/
(A branca brancura das guerras/
Fiapos de dias que se agarram aos fios
Esfiapados das espadas/ A vertigem fulminante
Das sombras que levantam a noite e escurem
Os céus/)